

Discurso e interdiscurso: a tradução da filosofia na literatura e nas artes

Dominique M. P. G. Boxus

Departamento de Línguas Estrangeiras/UFS

No presente artigo, explicarei brevemente como concebo minha presença em um grupo como o GeFeLit, ao apresentar o espírito e o projeto da disciplina que pretendo ministrar no âmbito do curso de especialização em filosofia e literatura que, com meus colegas do grupo, pretendemos iniciar nesse ano de 2011. Insisto nas palavras *espírito* e *projeto*: de fato, não escreverei aqui sobre os resultados de uma pesquisa feita e acabada, mas antes evidenciarei o que, como estudioso da literatura, venho concebendo e construindo, através de meus diversos trabalhos de ensino e pesquisa, e que poderia fundamentar uma disciplina para um curso de especialização.

Partindo, então, de minhas indagações de mestrado e doutorado sobre as letras francófonas, e insistindo também sobre o que condiciona meu local de observação, a saber, o fato de que sou belga francófono (e não francês) e que moro no Brasil, com o qual me comparo, considerando ainda os meus trabalhos como tradutor-intérprete em língua francesa e em língua portuguesa, posso dizer quanto a problemática das fronteiras – e das identidades que elas visam a definir – ocupa todo o espaço de minhas atenções acadêmicas: gosto de olhar para o diverso das línguas, literaturas e culturas nacionais (França, francofonias e Brasil), comparar suas especificidades, estudar seus entrecruzamentos, evidenciar suas tensões.

Mencionarei, portanto, alguns exemplos de trabalhos realizados, ou em processo de realização, sobre essa temática das fronteiras. Estudei no passado a projeção da Bélgica francófona no pólo cultural franco-parisiense: imitação do outro e apagamento de si. Estudei também a presença do Brasil na literatura quebequense, por exemplo, nos romances do brasileiro exilado Sérgio Kokis, escritor migrante, que retrata seu país de origem em língua francesa. Observo atualmente a expressão do Brasil no romance belga *O jardim do nada*, de Conrad Detrez; como também a presença dos mitos americanos – o Novo Mundo e o Bom Selvagem – na literatura francesa: Michel Tournier e Jean-Christophe Rufin. Recentemente, meus interesses me levaram para a área do cinema. Iniciei uma pesquisa sobre o filme franco-brasileiro de Marcel Camus, *Orfeu negro*, no qual me fascina a transferência do mito da antiguidade clássica em um contexto brasileiro, e em língua portuguesa, através de uma produção dupla: francesa e brasileira; nesse filme, o carnaval, o negro e o candomblé trazem o mito antigo no campo da identidade nacional brasileira,

a partir de um olhar tanto exógeno (turístico-tropicalista) quanto endógeno (o de Vinícius de Moraes, o da bossa nova recém-lançada, o dos atores brasileiros e da língua portuguesa). No mesmo registro, estudo a passagem do mito do andrógino de Platão para o romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Leio com interesse sobre a *missão* artística francesa no Rio de Janeiro, cujos pintores retrataram o Brasil a partir de seus cânones europeus e tiveram que encontrar – ou não encontrar – meios para expressar o outro, tal como o negro escravo, que Nicolas-Antoine Taunay não quis ver, mas que está onipresente em suas telas, na forma de pontinhos pretos. Diante desses exemplos, me vem a percepção de um processo de transferência, o qual me leva ao conceito de tradução.

Explico esse meu interesse para as passagens, reciclagens e travessias de fronteiras pelo fato de que sou, eu mesmo, um transeunte. Por exemplo, ao falar português, vivo traduzindo incessantemente: isso causa em mim um estrangeirismo, a sensação de não estar nunca totalmente em casa com minha língua. Resumindo, eu foco, em meus estudos, fenômenos de migração, especificamente na literatura e no cinema, e também na tradução no sentido restrito, literária e não literária. Sinto-me bastante satisfeito por ter conseguido reunir na UFS uma equipe de estudantes que estão pesquisando comigo nessa direção.

Portanto, no presente artigo, me estenderei primeiro sobre dois conceitos: o interdiscurso e a tradução. Ou melhor: falarei sobre a tradução enquanto interdiscurso. Espero assim manifestar, a partir da literatura, alguns elementos de encontro entre a mesma, incluindo a arte, e a filosofia. Deter-me-ei primeiro no conceito de *transcrição*. A leitura que fiz de ensaios sobre tradução (George Steiner; Antoine Berman; Pascale Casanova; Inês Oseki-Dépré, entre outros) me leva a entender a existência de uma *filosofia da tradução*, ou seja, de uma reflexão teórica totalizante sobre esse conceito: uma tradutologia no sentido amplo, quer dizer, situada além do sentido comum (o de passar um texto de uma língua-fonte para uma língua-alvo). Essa visão ampliada da tradutologia evidencia diversas práticas de transferência, semântica e formal, no âmbito tanto verbal quanto semiótico, envolvendo outros signos, como a imagem: dois dos meus orientandos estão estudando hoje o mito de Orfeu na literatura e no cinema da França e do Brasil.

Da leitura dos ensaios sobre a tradução, destacarei apenas os tópicos que mais remetem à minha pesquisa. 1. O fato de que cada língua, literatura e cultura humana erigem do mundo um mapa diferente: o Orfeu francês não é o mesmo Orfeu brasileiro. 2. A importância da tradução para as coletividades nacionais confinadas, as culturas dominadas importando mais as literaturas e culturas estrangeiras, seus temas e símbolos, do que elas próprias exportam os seus: eis aqui uma estratégia típica das coletividades nacionais minoritárias, em busca de visibilidade e de identidade (para elas, importa imitar, trazer algo prestigioso, projetar-se). 3. Mais do que nunca, nossa época está mergulhada até o pescoço no mundo da tradução, em um mundo que é a tradução de outros mundos. Mais do que nunca se vive na intercultura, e Babel aparece ao mesmo tempo como um desastre e uma chuva de estrelas sobre o homem: refiro-me aqui à etimologia da palavra *desastre* (dis-astro: astro fora de seu eixo), sendo que traduzir é ultrapassar a aparente catástrofe das fronteiras. 4. As linguagens simbólicas, quer dizer, a literatura e as artes, teriam um poder de tradução multiplicado. Por prova, pensemos na importância da Grécia e da civilização hebraica para a tradição/tradução ocidental: remeterei à universalidade de Homero e à da Bíblia. “Nossa arte e nossa literatura são, em uma larga medida, um jogo de variações sobre temas fixados de uma vez por todas” (Steiner, 1998, p. 5). A história enquanto tradução é fundamental para a existência das culturas. Só existe história enquanto tradução, o passado sendo a organização narrativa das lembranças; cada cultura tem seu modo específico de estilizar sua paisagem histórica.

O brasileiro Haroldo de Campos (1982) viabiliza a ideia (e a realidade) de uma tradução-transcrição-transluciferação, associada à de um tradutor-usurpador-translucífero: atrás da ironia e da provocação, entenda-se aqui o apagamento do texto original que, servindo a tradução, deixa que ela ocupe o lugar de destaque; a missão angelical do tradutor, mensageiro-passador, é experimentada e formalizada por Campos como uma missão do anjo Lúcifer, que pode cometer *hybris*, ou seja, provocar, desafiar, fomentar crimes, transgredir, a ponto de criar um novo texto, aberto para novas traduções. O linguista e historiador da literatura Dominique Maingueneau (1984), ao descrever os fenômenos da intertextualidade, parte do

postulado de que “o interdiscurso precede o discurso”, quer dizer, a experiência da prática tradutória antecede o resultado da obra de criação. Maingueneau situa o texto literário numa perspectiva sociocrítica, que o associa a uma tradução da história, da religião, da política, da filosofia.

Concluindo sobre os ensaios tocantes à tradutologia, e para explicitar minha visão das relações entre a literatura e a filosofia – precisando novamente que meu campo de estudo é a literatura, onde me situo –, espero ter conseguido expressar como posso tirar proveito, para contemplar meus objetos de pesquisa, de uma idéia ampliada da *tradução*.

No que diz respeito a uma tradução da filosofia na literatura e nas artes, título deste artigo, evidencio a perspectiva do *trans* (presente na etimologia da palavra traduzir), quer dizer, de uma transformação, recriação, e criação no sentido pleno, o fazer do tradutor ocupando o primeiro plano. A literatura e as artes filosofam, sem dúvida, de modo genuíno, isso valendo no âmbito da teoria como no da criação. Parece-me oportuno lembrar o discurso pronunciado por Roland Barthes, em 1977: *La leçon* [A aula] (Barthes, 1993-1995), no qual o autor evidencia a especificidade da literatura, que ele vê como um contrapoder, ou seja, como uma força transgressiva. O uso comum da língua, inevitavelmente, é sinônimo de moralismo, servilismo e dominação: expressão de autoridades e grupos hegemônicos, o uso comum da língua é arrogância de quem toma a palavra, e submissão ou alienação de quem a recebe. Barthes explica que um idioma não permite dizer, mas sim obriga a dizer. Assim, na língua francesa, só posso usar o masculino e o feminino: a língua não me dá acesso à complexidade e à ambivalência do neutro; da mesma forma, em francês, só posso usar *tu* ou *vous*, perdendo a liberdade de criar qualquer suspense afetivo ou social. Logo abro um parêntese: no caso da denominação do grupo GeFeLit, o uso comum da língua não nos permite evitar a linearidade; somos obrigados a iniciar por uma ou outra das duas disciplinas, não tendo como escapar de alguma prevalência (Filosofia e Literatura, ou Literatura e Filosofia?); a criação da sigla GeFeLit, ao se aproximar de um uso literário da língua, consegue apagar (pelo menos em parte) essa aporia (limitação). Portanto, e voltando a Barthes, todo uso comum da língua é fascismo. E o autor pergunta: Onde está a liberdade? Como escapar das estruturas de poder? A resposta logo vem: através da literatura, cujo uso da língua opera desvios e oferece possibilidades de esquiva. Independente da pessoa cívica e política do autor, independente de modas e escolas estéticas, a literatura é escritura. Ela não é um corpo de autores; tampouco uma lista de obras, um setor de comércio ou de ensino. Ela é, antes, uma prática textual. Na literatura, a língua encontra meios para combater contra si mesma, pelo jogo das palavras que ela promove. Barthes acrescenta: a literatura é *mimesis*, quer dizer, absolutamente e categoricamente realista; todas as ciências são convocadas pelo monumento literário. No romance *Robinson Crusoé*, inúmeros saberes se entrecruzam: histórico, geográfico, antropológico, técnico, botânico, político, colonial, social – eu poderia acrescentar: filosófico. Nessa capacidade de usar a língua fora do contexto do poder, nesse esplendor de uma revolução permanente da língua, aí está a originalidade e a liberdade da literatura. Os chamados escritores-filósofos (Voltaire, Sartre, Camus, Beckett, Ionesco, Tournier) manifestam, a meu ver, essa liberdade da literatura. Nessa capacidade de atravessar ou romper fronteiras pelo uso livre da linguagem, incluo as artes de modo geral.

Não deixarei de sublinhar, com ênfase, o aporte da filosofia para fundamentar e conceituar uma especulação sobre a noção de tradução. Inclusive, eu gostaria muito de refletir e debater com meus colegas de filosofia sobre a abrangência e a pertinência de uma especulação desse tipo.

A fim de exemplificar o que foi dito, darei um pequeno mergulho na criação literária e cinematográfica. A obra do escritor antilhano francófono Édouard Glissant pode ser definida como um conjunto de ilhas, um arquipélago textual onde as obras comunicam e se entrecruzam, onde é praticada uma mestiçagem dos gêneros literários. A capa do livro *Tout-monde* [Tudo-mundo; Mundo-Todo; Inter-mundo – mais um desafio de tradução], publicado em 1993, menciona um conceito tradicional para se autodenominar como gênero textual “romance”. Na leitura, percebe-se, no entanto, que as fronteiras são permeáveis: o romance é também um longo poema de 600 páginas, e cada capítulo se abre com uma citação vinda de um suposto *Traité du Tout-monde* [Tratado do Inter-mundo], atribuído a Mathieu Béluse (personagem fictícia), tratado

que será realmente publicado quatro anos depois, em 1997, com o subtítulo *Poética IV*. Esse tratado desenvolve uma reflexão sobre o que Glissant chama de *Poética da Relação*: essa poética (entendamos: escritura, discurso, palavra, voz) será trans-histórica, crioula, heterogênea, plurilíngue, situada na transversalidade das culturas. No romance do *Inter-mundo*, o arquipélago dos caribes metaforiza um modo de pensar e ver o mundo: a fluidez da água liga e relaciona ilhas e continentes disseminados, culturas diversas e, não obstante, necessárias à carne do mundo (sem elas, o mundo não seria mais mundo). O mangue (*la mangrove*) textualiza poeticamente a visão (deleuziana) de seres vegetais entrelaçados, diversos e plurais, desprovidos de raízes que desceriam fundo na terra. A Poética da Relação conforme os votos de Glissant expressa a necessária multiplicação das práticas de tradução no inter-mundo. Uma filosofia encontra-se aqui, característica da virada do século XX.

Do outro lado do oceano, numa coletividade francófona tão pequena quanto as Antilhas, o escritor belga Pierre Mertens, em seu romance *Uma paz real* (1995), traduz a des-história do povo belga. Ele procura reconstruir uma nova Bélgica, renascente de seus destroços e de sua grande lacuna (Mertens usa a palavra *béance*: vazio, grande buraco). Para tanto, o buraco belga, que suas fronteiras geográficas assimilam, no romance, a um triângulo, é poeticamente posto em relação com as grandes civilizações do mundo, através da letra grega maiúscula: *delta*; e também do delta do rio Nilo. Diversas cadeias de signos, espalhados como ruínas e destroços no espaço do romance, tendem a recompor um sentido para o país pequeno e mal-amado. Pelo poder da literatura, elas inserem redes semânticas que atravessam as fronteiras do tempo e do espaço, superando o niilismo da des-história. São assim relacionados a Bélgica e o Egito antigo; Nefertiti, as rainhas belgas Élizabéth e Astrid, a esposa do rei Toutankhamon, a rainha de Sabá, e *la petite reine* (a pequena rainha, na Bélgica, designa a bicicleta; o ciclismo é um esporte que, nesse país, tornou-se um grande símbolo nacional, em decorrência das inúmeras vitórias do ciclista Eddy Merckx, entre outros grandes campeões do pedal). *Absurdie* e *cu* do mundo, o país belga minúsculo traduz o drama pós-moderno do esvaecimento do sentido.

Por fim, mencionarei a trilogia fílmica do realizador, escritor e artista Jean Cocteau, que estamos estudando com meus orientandos do Pibic: ao traduzir mitos antigos como Orfeu, Narciso e o andrógino, essa obra cinematográfica de Cocteau (*Sangue de um poeta; Orfeu; O testamento de Orfeu*) expressa, no âmbito universal, as ambivalências das representações do masculino e do feminino, como também o misterioso, arriscado e temerário trabalho da criação poética.

O conceito de tradução me oferece a possibilidade de abraçar vários tipos de passagens, e indagar sobre eles. Creio que “uma cultura é um encadeamento de traduções e transformações constantes” (Steiner, 1998). Nesse encadeamento, a literatura e a filosofia se encontram.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Oeuvres complètes*. Paris: Seuil, 1993-1995.
- BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger*. Paris: Gallimard, 1984. Col. “Tel”.
- CASANOVA, Pascale. *La république mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.
- COCTEAU, Jean. *Orfeu*. 1949. DVD. Continental Home Vidéo. 2005.
- GLISSANT, Édouard. *Tout-monde*. Paris: Gallimard, 1993. Col. “Folio”.
- _____. *Traité du Tout Monde. Poétique IV*. Paris: Gallimard, 1997. Col. “NRF”.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Genèses du discours*. Bruxelles: Mardaga, 1984. Col. “Philosophie et Langage”.
- MERTENS, Pierre. *Une paix royale*. Paris: Seuil, 1995.
- OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *De Walter Benjamin à nos jours: essais de traductologie*. Paris: Honoré Champion, 2007.
- STEINER, George. *Après Babel: une poétique du dire et de la traduction*. Paris: Albin Michel, 1998.